

A propósito de Actividade Científica

MARIA TERESA NETO

Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais – Hospital de Dona Estefânia

Ex^{mo} Sr.

O interessantíssimo artigo do Dr. Luís Pereira da Silva *et al* sobre actividade científica e investigação, publicado recentemente na vossa revista¹, espelha o trabalho desenvolvido num Hospital do Serviço Nacional de Saúde com gestão pública. É um Hospital Central Especializado, de Apoio Perinatal Diferenciado, com Clínica Universitária, onde seria de esperar maior actividade científica embora, como o autor bem frisa, não haja dados nacionais que permitam comparação.

Apesar de cientistas ilustres desvalorizarem os índices bibliométricos e a citocracia² estas análises têm o mérito de um exame de consciência, uma tentativa de autoavaliação, com o objectivo de melhorar o desempenho.

Em Abril de 2003, por ocasião do 20º aniversário da Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais (UCIN) do mesmo hospital, tivemos o encargo de fazer uma análise retrospectiva da actividade científica desenvolvida pelo corpo clínico da mesma, durante os 20 anos da sua existência³.

Não foi tarefa fácil embora tenhamos que admitir que muito menos trabalhosa do que a do artigo em epígrafe. Na altura recorremos a fontes bem menos fidedignas onde incluímos os *curricula* de elementos da UCIN, a publicação do Anuário do Hospital de Dona Estefânia que cobria apenas 9 dos 20 anos, os arquivos da unidade e a memória recôndita de alguns dos cerca de 19 neonatologistas que ao longo daquele período fizeram parte do corpo clínico permanente da unidade.

Enfrentámos dificuldades de pioneirismo como sejam a justificação da finalidade da revisão, a ausência de parâmetros de comparação, as definições e critérios de inclusão, a dispersão de dados e a redundância de autores que tentámos anular o mais possível.

A metodologia foi um pouco diferente já que nos interessou também incluir a moderação de conferências, mesas redondas e palestras, a colaboração em teses de doutoramento e mestrado, os membros de Conselhos Científicos, Corpos Editoriais e Redactoriais de revistas científicas e Corpos Directivos de Sociedades Científicas uma vez que, se por um lado o desenvolvimento dessas actividades por membros da equipa se traduziram em trabalho científico, por outro, “pesaram” no trabalho da unidade. Outra grande diferença residiu no facto de não serem contabilizadas as comunicações apresentadas em reuniões da unidade, de Serviço ou do Hospital nem as que tinham sido proferidas no âmbito do ensino pré-graduado.

Os 19 elementos atrás referidos integraram a equipa de modo a que raramente o quadro esteve completo, sendo frequente que a equipa integrasse 8 a 10 elementos para desenvolver toda a actividade – assistencial, pedagógica e científica.

Contabilizámos 98 moderações de mesas redondas nacionais e 25 internacionais num total de 123 (média – 6 por ano); 234 conferências e palestras – 199 nacionais e 35 internacionais; 253 comunicações livres – 169 nacionais e 84 internacionais, contabilizando uma média de 25 intervenções por ano; e 221 publicações – 188 em

revistas nacionais e 33 em revistas internacionais – média de 11 publicações por ano (1,2 trabalhos /médico/ano). Na altura citámos o Prof. Alexandre Quintanilha que refere que, nos primeiros 6 anos de trabalho em Berkeley na década de 70, publicou à volta de 8 *papers* por ano⁴. E, certamente, que *papers*, comparados com os nossos! Colaborámos ainda em 20 trabalhos prospectivos nacionais e em 9 estudos multicêntricos nacionais e 5 internacionais e em 5 teses de doutoramento ou mestrado. Como graça, referimos 11 trabalhos indexados em Medline no período em análise e comparámos esse número com os 18 trabalhos de Anne Greenough indexados no ano de 2002 ou os 10 já indexados nessa altura do ano de 2003. Na nossa economia caseira dispúnhamos de 21 citações – uma delas em livro de texto – precisamente de Luís Pereira da Silva – e 23 trabalhos premiados a nível nacional ou internacional. Houve elementos da equipa que integraram corpos directivos de 9 sociedades científicas nacionais e 1 internacional, pertenceram a grupos redactoriais ou editoriais de 12 revistas nacionais e 3 internacionais e participaram na organização de 59 reuniões nacionais e 5 internacionais.

Também nós tivemos dificuldade em avaliar, por comparação, se eram adequados os números que apresentávamos, suspeitando contudo que eram valores muito pobres. Que poderemos então fazer para melhorar?

Umberto Eco diz: “Se és um anão inteligente põe-te aos ombros de um gigante qualquer e verás mais longe”⁵. Não queremos um gigante qualquer. Para se evoluir na investigação aplicada à clínica é necessária organização, programação e vontade de fazer; investimento e acreditação, imaginação e disponibilidade. Mas é necessário também que a instituição se envolva como um todo, definindo objectivos de investigação por grupos profissionais e por áreas de interesse, avaliando a concretização desses objectivos, promovendo o recurso a bolsas de investigação. Útil também, seria aprender a fazer para poder ensinar como se faz.

Num ponto estamos em desacordo com os autores do artigo: o valor que é atribuído à actividade científica em concurso públicos. Esse valor pouco nos importa, não é por ele que corremos. O motor da investigação é a curiosidade, o gosto por, o prazer intelectual, não a recompensa. E é isso que devemos ensinar aos mais novos. Que é necessário aprender a questionar e depois tentar encontrar resposta, saber identificar aquilo que não se sabe para se poder progredir, mesmo que dessa actividade resulte “apenas” conhecimento científico. E que aprendamos a divulgar não só quando encontramos o que esperávamos encontrar mas também quando o resultado é contrário às nossas convicções. Ciência é isso. Ter a humildade suficiente para aceitar os resultados e tentar compreendê-los.

E que nos mantenhamos com gestão pública porque de SA já nos basta o que há. Aí não vai haver investigação mesmo que os clínicos queiram e saibam. Ou haverá?

BIBLIOGRAFIA

1. Pereira da Silva L, Afonso S, Marques A . Actividade científica e de investigação num hospital central. *Acta Med Port* 2004; 17: 309-16
2. Ferreira, HG. Com conhecimento de causa... ou...falar barato - conferência. Conversas do Campo de St’Ana. Lisboa, 2002
3. Neto MT. Vinte anos de actividade científica. *Acta Pediatr Port*. No prelo
4. Massada J. Vale a pena ser cientista? Lisboa, Campo das Letras Eds, 2002
5. Eco U. Como se faz uma tese em ciências sociais. Lisboa, Editorial Presença 6ª Ed, 1995